



Ambasciata d'Italia

MAPUTO

MAFUTO, - 5. 8. 1992

MESSAGE N° 425

FAX-FROM : AMBASCIATA D'ITALIA - MAPUTO

FAX- TO : Comunita' S. Egidio - Roma

ATT: Don Matteo Zuppi / AMB. INCISA

OBJECT: Invio articoli

REFERENCE: VS richiesta

# FIM DA GUERRA EM MOÇAMBIQUE DISCUTE-SE HOJE EM ROMA

## ● Cimeira formal coloca frente-a-frente Chissano e Dhlakama

por Benjamim Faduco, nosso enviado especial

Tem início esta manhã no Palácio de Vila Madama, em Roma, o primeiro encontro formal entre o Presidente da República, Joaquim Alberto Chissano, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, no quadro da busca da paz para Moçambique, após 15 anos de guerra. A abertura hoje da cimeira, que conta com a presença do Presidente italiano, Óscar Scalfaro, segue-se a um encontro informal entre

Chissano e Dhlakama, que se prolongou até à madrugada de hoje e cujos detalhes não foram possíveis obter até ao fecho desta edição. Antes deste encontro, o Chefe de Estado moçambicano e o chefe da Renamo mantiveram reuniões separadas com a mediação italiana e com as respectivas delegações às conversações de Roma.

DA "NOTÍCIAS"

DEL - 5. 8. 1992

Falando pouco antes do seu primeiro encontro informal com o Presidente Chissano, o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, afirmou na noite de ontem que não veio a Roma apenas para alcançar uma trégua mas sim um entendimento global que ponha fim à guerra no país.

Dhlakama que falava numa conferência de imprensa que concedeu aos jornalistas moçambicanos presentes aqui em Roma, frisou que «se o Presidente Chissano aceitar a suspensão» de todos os artigos da actual Constituição, que ele Dhlakama considera de «antidemocráticos», se aceitar a abolição do Serviço de Informação e Segurança do Estado (SISE), se aceitar que o futuro Exército nacional seja constituído por 24 mil homens e mais mil da Força Aérea e 800 da Marinha, na base de 50 por

cento para cada lado, então «será possível que a guerra acabe em breve no país».

Interrogado pelo «Notícias» se a Renamo veio a Roma disposto a assinar uma trégua ou um cessar-fogo global, Dhlakama respondeu que «uma simples trégua seria brincar com o povo» porque, segundo acrescentou, «a prioridade é o cessar-fogo definitivo». O líder da Renamo sublinhou ainda na sequência da mesma pergunta que «a Renamo veio a Roma para discutir as questões políticas com o Presidente Chissano para depois se alcançar o cessar-fogo».

Por outro lado, Dhlakama confirmou que a sua organização já aceitou a proposta dos 24 mil homens para o futuro Exército moçambicano na base duma proposta apresentada pela

1/2

DA NOTÍCIAS DEL

- 5. 8. 1992

mediação, argumentando, contudo, que a delegação do Governo continua a insistir nos 35 ou 36 mil homens, posição esta que Afonso Dhlakama diz não aceitar porque «o país não tem recursos financeiros para sustentar um Exército tão elevado».

Afonso Dhlakama revelou, por outro lado, que vai tentar convencer o Presidente Chissano no frente-a-frente previsto para hoje, para que aceite a participação activa e não «simbólica» duma força das Nações Unidas na supervisão do período de transição até à realização das eleições multipartidárias no país.

O «Notícias» quiz igualmente saber de Dhlakama qual a posição do seu movimento em relação às formações políticas emergentes em Moçambique, ao que o líder da Renamo respondeu: «estou muito satisfeito pela sua existência porque elas são o meu produto, a minha coragem e queremos que elas não sejam uma criação do Governo».

Sobre o papel do empresário Tyni Rowlands na preparação da cimeira prevista para hoje no Palácio de Vila Madama, Dhlakama confirmou que ele tem contribuído para o processo de busca da paz para o país, citando como exemplos os encontros de Malawi e de Gaborone.

Dhlakama, que está em Roma acompanhado pelo Secretário da Organização, Vicente Zacarias Ululu, do Secretário para as Relações Exteriores, José Castro, para além dos que se encontram nas negociações, disse que a recente nomeação de Ululu para o cargo de Secretário-Geral constitui uma medida que se enquadra na transformação da Renamo de movimento armado para o estatuto de partido político da oposição. Disse ainda que esta nomeação não significa a subalterнизация de Raul Domingos que chefiava a delegação do movimento nas negociações de Roma.

Por seu turno, Mario Raffaelli, coordenador da mediação italiana, disse ao «Notícias» que a cimeira que hoje se vai realizar entre o Presidente Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, "vai permitir compreender melhor os passos a seguir" porque, conforme adiantou, "uma coisa são os encontros entre as delegações e a outra é o encontro entre os dois dirigentes".

Interrogado se podia confirmar indicações segundo as quais já teria sido alcançado um consenso sobre a formação do futuro Exército nacional, Raffaelli disse que as posições estão muito próximas, mas recusou-se a dar números exactos.

Don Matteo Zuppi, representante da Comunidade Católica de Santo Egídio, disse por sua vez ao «Notícias» que encara o encontro de frente-a-frente entre Chissano e Dhlakama como um acontecimento de grande

esperança que possa ajudar o caminho percorrido há dois anos na busca da paz para Moçambique. Tanto Matteo Zuppi como Raffaelli mostraram-se esperançados no encontro que hoje vai reunir formalmente, pela primeira vez, o Presidente Chissano e o líder da Renamo, num esforço que visa pôr fim

ao genocídio que transformou o país num verdadeiro inferno.

O representante da Igreja Católica moçambicana e membro da mediação, Arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, falou ao «Notícias» de forma cautelosa ao considerar o Presidente Mugabe como sendo o homem-chave da cimeira que hoje é aguardada com maior expectativa de sempre, tanto em Moçambique como internacionalmente. As declarações dos mediadores foram feitas antes da chegada do Presidente zimbabweano, que chegou ao princípio da noite.

2/e